

# Análise Das Redes Sociais Do Grupo Agroecológico Herança Viva – Chapecó/SC

*Analysis of the Social Networks of the Agroecological Group  
Herança Viva - Chapecó/SC*

Luiz Paulo Klock Filho  
Wilson Itamar Godoy  
Marcos Junior Marini

# ANÁLISE DAS REDES SOCIAIS DO GRUPO AGROECOLÓGICO HERANÇA VIVA – CHAPECÓ/SC

*Analysis of the Social Networks of the Agroecological Group Herança Viva -  
Chapecó/SC*

*Luiz Paulo Klock Filho  
Wilson Itamar Godoy  
Marcos Junior Marini*

**Resumo:** As consequências advindas do modelo de modernização econômica geraram desequilíbrios socioambientais, reflexos percebidos também no setor agrícola. Ao se estudar as organizações sociais, tende-se a ver como elas mantêm seus processos de cooperação frente a toda uma sociedade constituída pela valorização do individualismo e da competição. Neste sentido, a pesquisa tem como foco as relações sociais estabelecidas no Grupo Agroecológico Herança Viva do município de Chapecó/SC, analisando os elementos da rede social (ARS) formada pelo conjunto de atores participantes deste grupo. A organização escolhida é norteadada pelos princípios da agroecologia, sendo seus produtos comercializados principalmente nas feiras livres do município. Para cumprir tal proposta houve a participação em reuniões e aplicação de questionários com os agricultores. No decorrer da pesquisa percebeu-se que é necessária uma melhor articulação do grupo com as instituições que compõem sua rede de relacionamentos, buscando estimular ainda mais a cooperação entre esses agentes.

**Palavras-Chave:** Rede Social, Agroecologia, Grupo de Agricultores.

**Abstract:** The consequences resulting from economic modernization model generated social and environmental imbalances, reflected also perceived in the agricultural sector. When studying social organizations, tends to see how they keep their forward cooperation processes all a company incorporated by the appreciation of individualism and competition. In this sense, the research focuses on the social relations in Agroecology Group Heritage Viva Chapecó / SC, analyzing the elements of social networking (ARS) formed by the group of actors involved in this group. The chosen organization is guided by the principles of agroecology, and the products mainly sold in the free county fairs. To fulfill such a proposal was attending meetings and questionnaires with farmers. During the research realize that we need a better articulation of the group with the institutions that make up your network of relationships, seeking to further stimulate cooperation between these agents.

**Keywords :** Social Network , Agroecology, Farmers Group.

**JEL:** L14.

## **Introdução**

O processo da globalização trouxe uma grande expansão do capitalismo, possibilitando alterações nas relações de produção e na própria dinâmica de interações entre os indivíduos e seus territórios. Sendo importante rever e discutir novas formas de praticar e viver a relação com o espaço geográfico.

Na integração de um padrão de produção que integre equilibradamente objetivos sociais, econômicos e ambientais há necessidade de “fundar novos modos de produção e estilos de vida nas condições e potencialidades ecológicas de cada região, assim como na diversidade étnica e na autoconfiança das populações para a gestão participativa dos recursos” (LEFF, 2015, p.17).

A participação e o engajamento da sociedade são fundamentais para a concretização dos objetivos que visam atender os interesses da coletividade, buscando resolver ou encontrar alternativas para situações problemáticas da sua vivência. No momento em que a sociedade é convidada a participar e contribuir na definição e elaboração de propostas que colaborem com a melhoria da qualidade de vida, seja de sua comunidade, município, região ou estado, as pessoas passam a se sentirem mais envolvidas e corresponsáveis pelo êxito do projeto proposto (GUIMARÃES, 2001).

Neste sentido, para alcançar ações sustentáveis de uso do território, é necessário perceber suas formas de ocupação e principalmente as redes de relações construídas naquele espaço, que devem levar em consideração as características da população (demográfica, valores, cultura), suas organizações sociais e como essas estruturas se relacionam com o seu entorno.

Todo o processo de cooperação existente entre as instituições e os indivíduos através do seu capital social, situado num determinado território, pode contribuir com práticas e formas de cooperação que contribuem para o processo de desenvolvimento. Neste sentido, Putnam afirma que “o capital social diz respeito às características da organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas” (PUTNAM, 1996, p.177).

Dentro dessa perspectiva, a agroecologia surge como uma proposta alternativa para enfrentar uma sociedade baseada no reducionismo produtivista, para um modelo de desenvolvimento mais integrativo, participativo e sustentável.

Para Altieri (2001), a busca por um desenvolvimento rural sustentável baseado em princípios da agroecologia está relacionada com a construção de sistemas locais que consideram os valores das pessoas, o conhecimento, a forma de organização social e as tecnologias disponíveis em conjunto com o manejo ecológico de recursos naturais, incorporados a uma ação social coletiva de caráter participativo que permita projetar a inclusão social em equilíbrio com a natureza.

Neste sentido, a presente pesquisa busca analisar a rede social que compõem os membros do Grupo Agroecológico Herança Viva do município de Chapecó/Santa Catarina, incluindo suas redes institucionais.

## **2.-Fundamentação Teórica**

### **2.1.-Agroecologia**

A agricultura é um dos setores econômicos que sofreu forte influência do processo de modernização, principalmente relacionado às ferramentas tecnológicas

utilizadas para o aumento da produção alimentar, desenvolvidas pelo modelo agroquímico. Tal premissa trouxe problemas atrelados às condições ecológicas e das relações sociais nos territórios influenciados (ALTIERI, 2012).

Neste contexto, a agroecologia propõe uma revisão de valores, sendo que a sua estrutura metodológica visa aumentar a participação dos agricultores na produção de conhecimentos. As demandas são direcionadas para compor as necessidades locais, respeitando os limites dos biomas e das estruturas sociais. De acordo com Caporal (2009), a agroecologia corresponde a um campo de estudos que:

Pretende o manejo ecológico dos recursos naturais, para - através de uma ação social coletiva de caráter participativo, de um enfoque holístico e de uma estratégia sistêmica - reconduzir o curso alterado da coevolução social e ecológica, mediante um controle das forças produtivas que estanque seletivamente as formas degradantes e espoliadoras da natureza e da sociedade. (CAPORAL, 2009, p.09)

Para conquistar essas possibilidades, a agroecologia tem como base de interpretação os agrossistemas, que utiliza as dimensões ambiental, econômica e social para uma melhor compreensão dos territórios. Na dimensão socioeconômica, a agroecologia defende uma nova racionalidade produtiva, baseada na influência dos atores sociais envolvidos em suas comunidades rurais, com o fortalecimento das suas dinâmicas culturais e o poder decisório da produção sob seu controle (FLORIANI & FLORIANI, 2010).

O contexto agroecológico agrega participação dos agricultores através de seus conhecimentos não formais adquiridos na realidade agrícola, ferramenta substancial para que, em conjunto com o conhecimento científico, possa promover intervenções harmoniosas no ambiente. Toda essa trajetória pode construir inovações técnicas de maior valor agregado, pois sua apropriação será exercida em suas demandas locais e utilizada pela comunidade, derivando sua autonomia e a estruturação de redes de multiatores de âmbito territorial (PETERSEN, 2013).

Diante do exposto, ressalta-se o papel das organizações e das relações sociais entre os atores, para a socialização de conhecimentos e informações, que podem contribuir para o desenvolvimento territorial em localidades rurais. Perceber como o papel do capital social insere-se nesta discussão é fundamental para entender as interações socioculturais de grupos e territórios distintos.

## **2.2-Capital Social**

A organização social pode se constituir num caminho estratégico mais seguro para as mudanças, pois as dificuldades e o sucesso são compartilhados. Esse mútuo comprometimento reduz o grau de envolvimento individual e distribui responsabilidades com a totalidade das ações da unidade de produção, gerando segurança, pois atribui maior certeza às tomadas de decisões. Na perspectiva de Bandeira (1999), o capital social é importante na implantação de ações coletivas que visam a união dos entes locais para a superação de suas mazelas.

Na visão de Putnam (1996), o capital social é caracterizado pela organização social, regras de reciprocidade, confiança, normas e sistemas de participação que auxiliam as dinâmicas de ações coordenadas. Segundo ABU-EL-HAJ (1999, p.69) que aborda Putnam, “A hipótese principal de Putnam vincula proporcionalmente o nível de engajamento cívico à natureza do associativismo. O associativismo horizontal fruto

de confiança, de normas e de redes de solidariedade produziriam relações cívicas virtuosas. [...]”. Logo, observa-se que as sociedades que possuem uma maior intensidade de envolvimento dos seus cidadãos, podem influenciar movimentos direcionados ao desenvolvimento local.

A intensificação da ação coletiva propicia que as pessoas que estão envolvidas em suas demandas locais possam trazer um maior nível de discussão e principalmente se sentirem envolvidas na construção de soluções. Na visão de Romano (2002), toda essa perspectiva passa pelo processo de empoderamento, sendo um ato de ter os sujeitos no centro das decisões, no aspecto que eles têm o controle da tomada de resoluções das suas comunidades e de suas vidas, no contexto de protagonismo social.

O envolvimento das pessoas e suas organizações passam pelo contexto de perceber sua realidade, buscando transformações mais amplas da sociedade. A tomada de percepção da sua realidade e do seu entorno consiste em formas de superação através da análise das contradições na sociedade moderna.

A possibilidade de envolvimento cria atos diferenciados em relação ao território inserido, gerando novos comportamentos entre os diversos atores sociais envolvidos. A própria criação de redes de cooperação entre organizações locais, para os mais diversos fins, pode ser uma amostra de sociabilidade, que gera efeitos positivos na busca de qualidade de vida da sociedade.

Devido a todo um processo de desigualdades e de uma cultura individualista, que são marcas da sociedade atual, é necessário avaliar como é formado o grau de envolvimento, confiança e predisposição das pessoas para colaborar/participar de ações conjuntas nas diferentes dimensões (política, ambiental, cultural e econômica) de uma comunidade.

### **2.2.1-Análise de Redes Sociais (ARS)**

As interações de atores sociais de um determinado espaço são fundamentais para as formas de reciprocidade, que podem influenciar na dinâmica de desenvolvimento local. A intensidade de laços sociais pode promover a troca de energias naquele ponto favorecendo as suas estruturas sociais.

Nessa premissa, a construção socioespacial constituída por suas relações sociais pode indicar formatos do território e fortalecer suas redes, como apontam Radomsky e Schneider (2007):

Portanto, nas transformações sociais e históricas, há a continuidade de certas características coletivas, atributos de uma formação regional. No exemplo dos autores, na passagem de uma sociedade agrícola para uma industrializada, permanecem sinais de continuidade histórica, como a manutenção das relações de reciprocidade. A maneira como as empresas se vinculam, as formas de reciprocidade nas relações, o papel da família e das instituições políticas aparecem no trabalho dos autores como elementos culturais de expressiva capacidade para estruturar as relações econômicas numa região. [...]. (RADOMSKY; SCHNEIDER, 2007, p. 262)

A formação local e a reciprocidade são atos que constroem as redes dentro de um território, através dos seus diversos laços (familiares, amizade, conhecidos), códigos e símbolos, que materializam suas trocas e interligações na constituição da ideia do enraizamento (GRANOVETTER, 1973).

É nesse sentido que a noção de rede se torna um importante referencial a partir da qual se podem analisar as relações sociais e econômicas de um dado contexto. Conhecer os sujeitos que formam a rede vem na direção de como essas relações sociais são constituídas de atitudes recíprocas – de coesão social (GRANOVETTER, 1973).

Como uma ferramenta analítica mais nítida, a análise da rede de relações sociais que compõem uma comunidade é um dos aspectos para visualizar estruturas que podem facilitar ou não a organização naquele espaço. Perceber essas questões vem da importância de como algumas comunidades se organizam para atingir objetivos comuns de forma fácil e eficaz, enquanto outras parecem incapazes de mobilizar recursos, mesmo para superar situações difíceis (MARTELETO, 2001).

Decifrar as informações contidas na análise de redes sociais é entender como funcionam as relações de poder que estão inseridas entre os membros e suas organizações, na procura de contextos que ajudem entender como esses elos interferem no processo de organização social.

Segundo Wasserman e Faust (1994), a Análise de Redes Sociais (ARS) utiliza métodos matemáticos e conceitos da teoria dos grafos, ramo da matemática que estuda as relações entre os objetos de um determinado conjunto. A aplicação depende do número de arestas que podem ser interligadas, conforme um peso (numérico) associado e relacionado a sua concentração no número de grafos que um ente analisado possui, o que pode definir a maior densidade da rede, nível de reciprocidade e a centralidade dos nós.

Diante do exposto, ressalta-se que as redes sociais são relações entre atores sociais, que podem ser expressas na dinâmica que envolve a construção de um território ou padrão organizacional de diversos grupos, as quais se reconhecidas e dimensionadas podem contribuir para o melhor entendimento da realidade.

### 3-Metodologia

Para tal análise foi utilizado como participantes da pesquisa, o Grupo Agroecológico Herança Viva, que se localiza no município de Chapecó

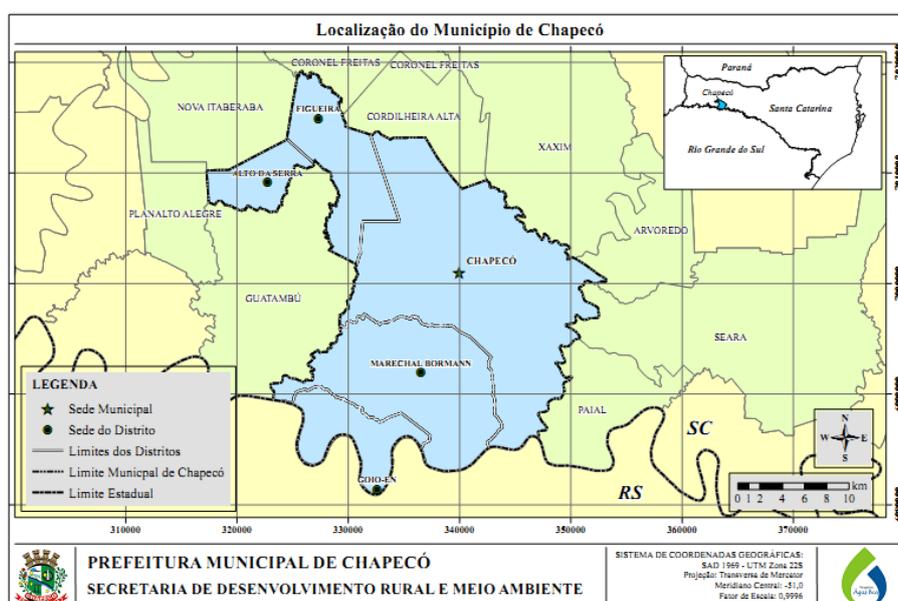


Figura 1: Localização do Município de Chapecó, SC

Fonte: Prefeitura Municipal de Chapecó

A justificativa pela escolha do grupo está associada ao perfil caracterizado pelo seu vínculo com a agroecologia e pela utilização de canais curtos de comercialização, principalmente a feira livre. Outra característica é forma com que a organização, vinculada à Rede APACO (Associação dos Pequenos Agricultores do Oeste Catarinense), utiliza a certificação participativa<sup>1</sup>.

O grupo agroecológico Herança Viva teve sua formação no início dos anos 2000, e atualmente é constituído por 12 produtores rurais vinculados à produção hortigranjeira. São agricultores que possuem certificação orgânica e que estão no processo de transição agroecológica.

Como encaminhamento metodológico, utilizou-se questionário com questões abertas e fechadas durante o ano de 2015. Tal instrumento foi aplicado para 11 integrantes do grupo, já que o décimo segundo produtor rural voltou a ter uma maior participação das reuniões do grupo somente no mês de novembro de 2015.

O questionário utilizado buscou analisar o nível de reciprocidade (a sinergia entre os membros) e a centralidade (o membro que possui maior contexto de liderança), para identificar e mensurar relações desta rede social. Para atingir o proposto foi utilizado o software de análise de redes UCINET 6<sup>2</sup>.

É importante destacar que o processo de análise de redes sociais não foi aplicado apenas nas relações entre os componentes do grupo, mas também sobre a rede de instituições que envolvem o Herança Viva. Para identificação das instituições, inseriu-se perguntas aos entrevistados sobre as entidades que influenciaram nos contextos técnico, econômico e de gerenciamento da propriedade, ou seja, no cotidiano dos produtores, as quais foram avaliadas por meio de opções dispostas em uma escala de Likert.

#### 4-Resultados e Discussão

Para analisar o grupo foram realizadas entrevistas com os participantes, sendo atribuídos a cada um deles um código preservando a sua identidade: A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11. Os dados analisados pelo UCINET 6 estão relacionados às variáveis de reciprocidade e centralidade da rede formada pelo grupo. Também avaliou-se a existência de redes institucionais, formadas por organizações que contribuem para eixos de gerenciamento, econômico e técnico.

Conforme aborda Bordin *et al* (2014):

---

<sup>1</sup>O processo de certificação participativa é compreendido em distintas fases: “[...] A família que deseja “se converter” começa a compartilhar das reuniões do grupo local e permanece um ou dois anos no processo de transição. Neste período, deve seguir as normas da Ecovida. [...] Então, um agrônomo da prefeitura ou do serviço de extensão deve acompanhar a propriedade periodicamente fazendo visitas e depois elaborar um laudo. Logo após, o coordenador local encaminha à comissão de ética para esta realizar visita na propriedade. Feita a visita, a avaliação é encaminhada para a coordenação regional. Caso não haja problemas, a instância fornece o aval e a família pode obter o selo.” (RADOMSKY, 2013, p.303)

<sup>2</sup>O software foi desenvolvido por um grupo em análise de redes sociais da Universidade da Califórnia Irvine (UCI), com a participação de Steve Borgatti, Martin Everett e Lin Free. O programa é distribuído pela empresa Analytic Technologies, no pacote são disponibilizadas ferramentas para tratamento e análise de dados sobre redes sociais, incluindo diversos cálculos sociométricos e representação automática dos sociogramas.

As métricas de análise de redes sociais são baseadas essencialmente na teoria de grafos e permitem analisar a estrutura e as relações da rede como um todo, subgrupos de atores e atores individualmente dentro da rede. No contexto de uma rede de coautoria, os resultados dessa análise são importantes para o entendimento de diversos aspectos relacionados à colaboração. (BORDIN *et al*, 2014, p.39)

Na perspectiva de obter uma melhor visualização da rede formada pelos integrantes do Grupo Agroecológico Herança Viva, foi gerado seu sociograma (figura 2), o qual demonstra as relações de proximidade e contato social gerados entre os produtores.

Neste sentido a figura 2 revela a forma como os contatos são exercidos pelos membros representando os níveis de proximidade dos participantes, ou seja, o conceito de densidade. Segundo Bordin *et al* (2014, p.40), densidade “é uma tentativa de resumir a distribuição total de linhas, a fim de medir o quão longe este estado de completude do gráfico está. Quanto mais pontos estão ligados uns aos outros, mais denso será o gráfico”. Nesta discussão Costa (2011) afirma que:

[...] não há como privilegiar ver relações de simetria ou assimetria. As redes são heterogêneas e há tanto laços equitativos quanto desiguais (embora as assimetrias de poder sejam mais a regra e menos a exceção). Alguns nós possuem maior faculdade de decisão/atração/carisma/convencimento, outros menos; contudo, há interações menos desiguais, por meio de indivíduos com posições mais ou menos semelhantes (e/ou recíprocas) na rede. Os tipos de laços podem ser os mais diversos: parentesco, amizade, trocas materiais, conflitos, trocas de informação, atributos compartilhados, relações de trabalho, interesse afetivo, etc., ou ainda, podem ser direcionados (relação não simétrica, unilateral), simétricos (reciprocidade do laço) ou valorados (intensidade distinta do laço). (COSTA, 2011, p. 129)

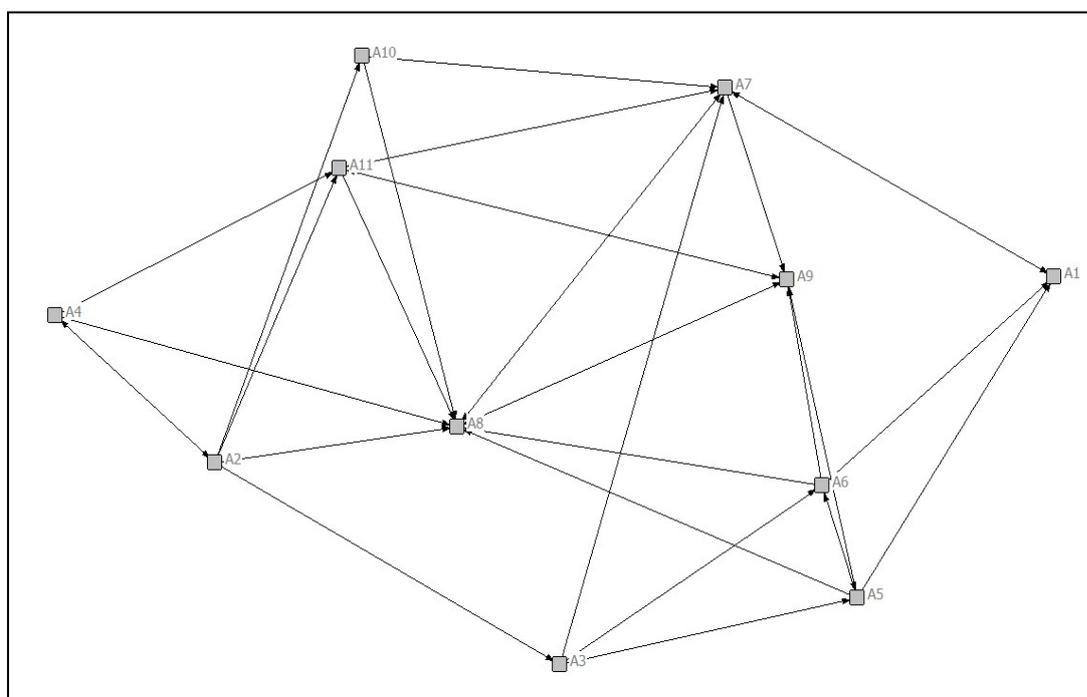


Figura 2: Relações de Contato Social dos integrantes do Grupo Herança Viva  
Fonte: Elaboração própria

Complementarmente a análise da figura 2 possibilita identificar o papel que cada produtor ocupa na rede. Como pode ser observado, existem pontos que ocupam um maior destaque e, por conseguinte, dominam as relações da rede. As principais conexões derivadas dos membros do grupo apontam maior quantidade de laços para os integrantes: A7 e A8, indicando sua posição de influência e de tomada de decisão. Neste sentido, a rede não é inteiramente conectada, ou seja, ela está dividida em subgrupos, que são interligados pelos atores principais da rede (aqueles possuem maior densidade de laços).

O fortalecimento de uma rede está condicionado ao conjunto de relações que são estabelecidos mediante as interações entre os seus membros. A densidade de uma rede demonstra o grau de conectividade existente, sendo ela medida pela proporção de conexões existentes sobre o total de relações possíveis, e segundo Bordin *et al* (2014), o valor máximo obtido é 1.

No Grupo Agroecológico Herança Viva, os valores calculados pelo UCINET resultaram em uma densidade de 0,309, demonstrando uma vinculação pequena entre os seus integrantes, o que pode gerar dificuldades na disseminação de informação no grupo.

Dentro destas discussões, ressalta-se que as relações de reciprocidade produzem valores humanos de confiança e solidariedade, fortalecendo as redes de cooperação existente. Elas não são apenas de ordem econômica, mas envolvem trocas de conhecimento e informações (SABOURIN, 2011).

No caso do grupo agroecológico, os valores calculados pelo UCINET geraram uma reciprocidade de 0,3077, considerando que este valor pode variar entre 0 e 1. Portanto, considera-se que o nível de coesão pode ser considerado baixo no contexto do grupo. No gráfico 1 são apresentados os respectivos níveis de reciprocidade para cada um dos produtores.

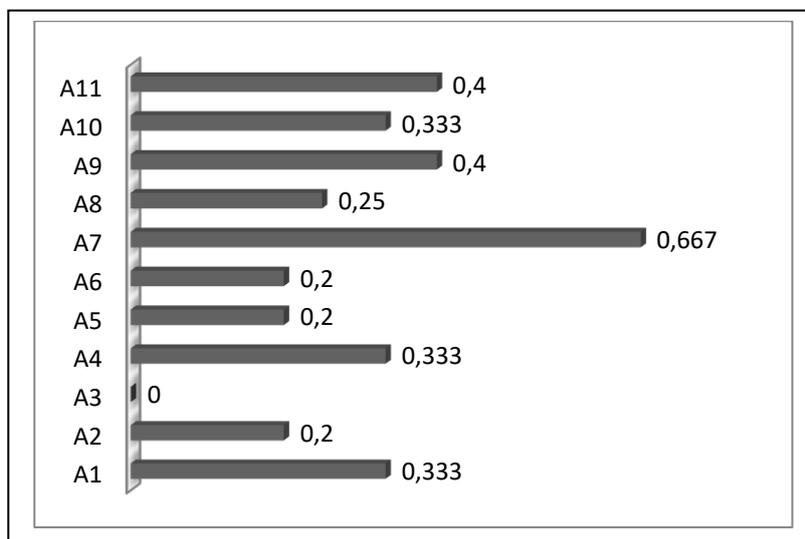


Gráfico 1: Nível de reciprocidade dos produtores  
Fonte: Elaborado a partir dos dados da pesquisa.

O âmbito demonstrado na relação de reciprocidade demonstra que o integrante A7 é o que possui maior índice e, atualmente, é o coordenador do grupo. A construção de laços fortes em relação a esse integrante, demonstram que as principais articulações do grupo têm nele a relação principal. O integrante A3 é o componente com menor

representação, fato explicado por ter pequena participação nas atividades do grupo neste ano por estar se recuperando de um acidente que ocorreu em sua propriedade.

Conforme Kaufman (2012, p.208):

Nas redes de “Laços Fortes” há uma identidade comum, as dinâmicas geradas nessas interações não se estendem além dos clusters, por isso mesmo, nas referidas redes procuramos referências para a tomada de decisão; são relações com alto nível de credibilidade e influência. Indivíduos que compartilham “Laços Fortes” comumente participam de um mesmo círculo social, ao passo que os indivíduos com os quais temos relações de “Laços Fracos” são importantes porque nos conectam com vários outros grupos, rompendo a configuração de “ilhas isoladas” dos clusters e assumindo a configuração de rede social. (KAUFMAN, 2012, p.208)

Outro aspecto importante nesta análise (ARS) corresponde a questão da centralidade. Conforme aborda Marteleto (2001, p.76), a centralidade representa que “quanto mais central é um indivíduo, mais bem posicionado ele está em relação às trocas e à comunicação, o que aumenta seu poder na rede”. Para ampliar a visualização das relações sociais entre os participantes do grupo, apresenta-se o gráfico 2 (centralidade da rede), demonstrando o número de laços mencionados por produtor.

Neste contexto, os membros A7 e A8 foram apresentados na avaliação de cada produtor como os principais articuladores do grupo. Tal fato é explicado por já ter ocupado a função de coordenação do grupo, sendo importante ressaltar que há outros integrantes que também aparecem ocupando espaços de influência, como A9 (que também já foi coordenador), A2, A5, A6 e A11, os quais têm destaque no gráfico 2. Logo, estes dados revelam o nível de prestígio dos produtores que participam desta rede social.

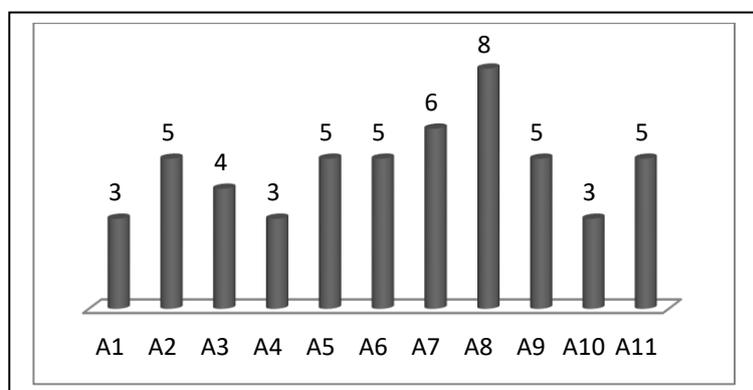


Gráfico 2: Centralidade da Rede, número de laços por produtor  
Fonte: Elaborado a partir dos dados da pesquisa.

Em continuidade da análise, buscou-se ampliar o estudo com o foco na relação do grupo com as instituições que fazem parte do cotidiano e que de alguma maneira contribuíram para sua formação. Através de questionário aplicado junto aos agricultores, obteve-se como resultado dessa questão: Epagri, APACO, Cooper Familiar (Cooperativa cuja maioria dos produtores faz parte), Secretaria Municipal de Agricultura, Grupo Agroecológico Herança Viva, UFFS (Universidade da Fronteira Sul), Unochapecó (Universidade Comunitária da Região de Chapecó) e Cresol (Cooperativas de Crédito Rural com Interação Solidária).



É impreterível mencionar que a agricultura é uma atividade econômica altamente dependente de financiamento, tanto para o investimento em infraestrutura quanto para a produção. Para isso é necessário que o produtor rural procure entender mais sobre o assunto para poder utilizar melhor os mecanismos de financiamento disponíveis no mercado. Neste segmento, o sociograma gerado entre os produtores do grupo foi associado a pergunta: qual das instituições você procura para obter informações sobre financiamentos ou dúvidas na questão econômica? Os resultados desta questão podem ser vistos na figura 4.

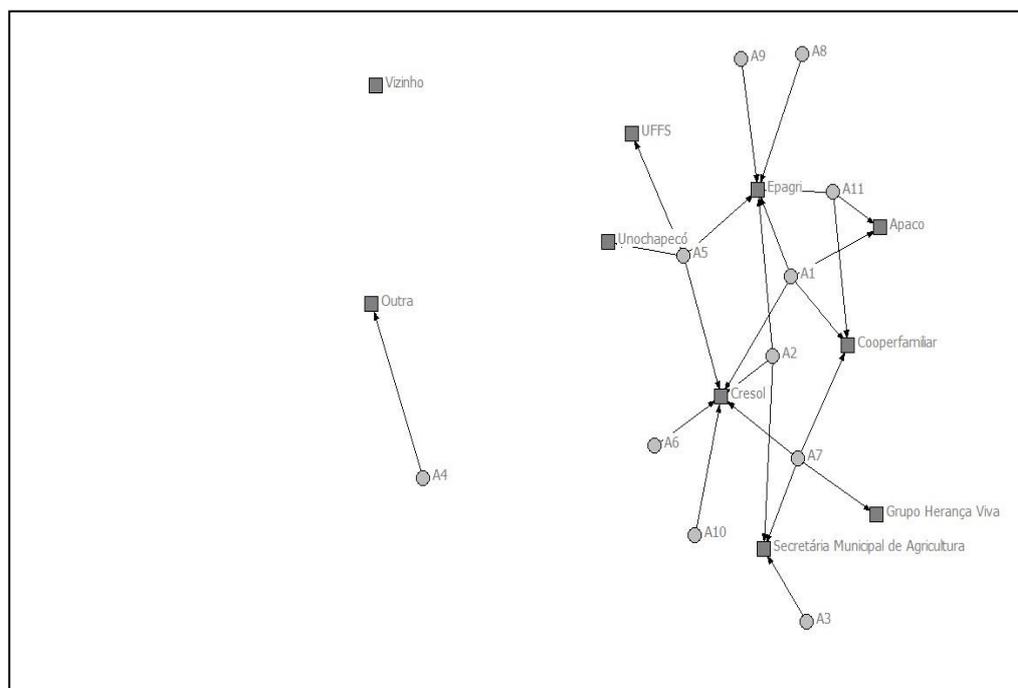


Figura 4: Formação Institucional da rede de auxílio à questão econômica  
Fonte:Elaboração própria

Na análise da figura 4, duas instituições tiveram destaque: a Cresol, que é uma rede que busca promover a inclusão social de agricultores familiares, facilitando o acesso aos produtos e serviços financeiros; e a Epagri, a qual participa através do Programa SC Rural, que é uma iniciativa do governo de Santa Catarina com financiamento do Banco Mundial – BIRD, que visa financiar e consolidar política pública para o desenvolvimento do meio rural catarinense, por meio do fortalecimento e estruturação das suas cadeias produtivas.

Diferente da rede formada na figura 3, onde havia um ator principal e pequenas conexões, na figura 4 nota-se uma bipolarização entre a Cresol e a Epagri, onde os integrantes do grupo estão vinculados a uma ou ambas instituições. Pode ser notado também casos de isolamento da rede, como A3 (vinculado somente a Secretária Municipal de Agricultura) e A4 que possui outra forma de obter auxílio na questão econômica.

Outro ponto importante nesta discussão refere-se a participação de instituições na rede social, na ação de colaborar na transmissão de informações técnicas, visando propiciar aos agricultores conhecimentos teórico-metodológicos para o desenvolvimento de habilidades, de maneira que lhes permita analisar e praticar a difusão de novas tecnologias de forma consciente e crítica.

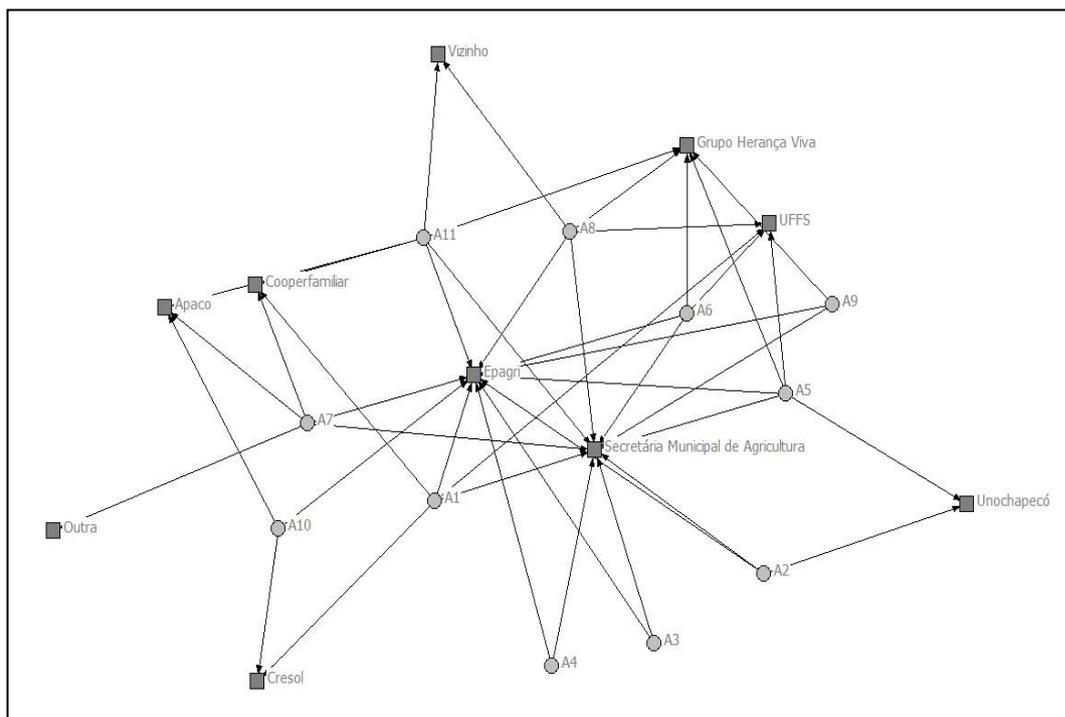


Figura 5: Formação Institucional da rede de informações técnicas  
 Fonte: Elaboração própria

No quesito que pode ser visto na figura 5, segundo o indicativo dado pelos agricultores, a Epagri e a Secretaria Municipal de Agricultura aparecem como as principais instituições que dão orientação técnica para os produtores. Apresentam-se na parte central da rede, ocupando uma forte influência no acesso e na introdução de técnicas no meio rural, em especial do grupo agroecológico. Nota-se a existência de pequenas conexões e redes de menor expressão, entre alguns agricultores e outras instituições, fato explicado pela formação de parcerias para o desenvolvimento de pesquisas específicas. Também merece destaque o Grupo Herança Viva que aparece entre os seus membros como indicativo de informações para diversificações ou esclarecimentos de dúvida na produção. Uma análise conjunta dos três sociogramas revela que a Epagri e a Secretaria Municipal de Agricultura ocupam um papel estratégico no desenvolvimento do meio rural, onde os integrantes do grupo têm suas atuações.

No conjunto dessa análise também foi avaliado a influência que as instituições ocupam no cotidiano das atividades exercidas pelos integrantes do Grupo Agroecológico Herança Viva. Para obter a informação, os agricultores atribuíram notas entre 0 (para menor influência no cotidiano) e 5 (para maior influência no cotidiano). Os resultados desta questão podem ser vistos na relação seguinte, a qual encontra-se em ordem decrescente de avaliação:

- EPAGRI: (4,27);
- Grupo Agroecológico Herança Viva: (4,09);
- Secretária Municipal de Agricultura: (3,9);
- Cooperfamiliar: (2,27);
- CRESOL: (2,0);
- UFFS: (1,36);
- UNOCHAPECÓ: (0,81)

A análise criteriosa desta pesquisa aponta para uma perspectiva preocupante para entidades como a APACO (Associação dos Pequenos Agricultores do Oeste Catarinense), Cresol, Cooper Familiar e universidades, pois na relação cotidiana com os produtores obtiveram os valores mais baixos dentro da escala de Likert.

No caso da Apaco e da Cooper Familiar, os resultados podem ser explicados devido as duas entidades que, muitas vezes, têm seus processos de acompanhamento dos agricultores vinculados à contratação de técnicos, mediante conquista de editais públicos. Ou seja, a falta de verba dessas estruturas compromete sua atuação na rede social.

No contexto das universidades, revela-se que estas possuem algumas relações pontuais com os produtores do grupo, porém, não são caracterizadas como uma ação efetiva, sendo muitas vezes relacionadas com alguns experimentos. Ainda nesta análise, em relação a CRESOL, revela-se que os resultados vem acompanhados de algumas experiências negativas que alguns integrantes tiveram com a instituição, principalmente relacionadas com informações imprecisas sobre financiamento dadas pelos agentes da cooperativa.

Nesta análise também que foi apontado um desconhecimento por parte dos integrantes do grupo agroecológico dos serviços prestados por essas instituições. Como há uma maior proximidade dos produtores com a Secretaria de Agricultura e com a Epagri, por consequência estas foram bem avaliadas.

## **Considerações Finais**

Nas últimas décadas, observa-se que as discussões sobre organizações sociais ganham importância, pois nestes espaços as formas de relacionamento entre os membros e outras instituições, a construção de regras de conduta, a configuração na construção dos seus objetivos de trabalho e a própria maneira dos integrantes exercerem sua cidadania são pontos que podem, a partir da coletividade, repensar o papel destes indivíduos dentro da sociedade e na construção de um outro mundo possível.

No âmbito da agroecologia, a premissa é que o conhecimento não é formado apenas pelo saber científico, mas da complexidade das relações ambiental, social e econômica que envolve os agrossistemas. Logo, aliando a ciência com o saber constituído pelos agricultores e o ritmo dos ciclos naturais, pode resultar em novas descobertas com o manejo ecológico.

Neste contexto, a temática do capital social trouxe a perspectiva de que o envolvimento das pessoas pode propiciar evoluções no desenvolvimento de uma determinada comunidade. Portanto, a Análise das Redes Sociais foi importante mecanismo metodológico para identificar como são formadas as relações existentes nas redes sociais formais e informais desenvolvidas pelos indivíduos e pelo próprio grupo.

Neste sentido, foi possível perceber no decorrer da pesquisa, como as relações institucionais são importantes para o grupo na questão de apoio técnico, econômico e de gerenciamento da propriedade. Os resultados da pesquisa demonstraram que duas instituições têm uma relação mais próxima com os produtores (EPAGRI e Secretária Municipal de Agricultura de Chapecó). Em contrapartida, o grupo demonstra fragilidades nas relações com outras instituições.

Diante do exposto, reitera-se que o Grupo Herança Viva busque estratégias para um maior nível de envolvimento entre outras instituições, na intenção de integrar-se em projetos com universidades da região, buscar contatos com redes de apoio técnico e financeiro. A atuação do grupo nestes espaços é fundamental para estimular suas atividades e buscar a superação de problemas atuais e futuros.

## Referências

ABU-EL-HAJ, Jawdat. **O debate em torno do capital social: uma revisão crítica.** BIB, Rio de Janeiro, n. 47, p. 65-79, jan./jul. 1999.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia. A dinâmica produtiva da agricultura sustentável.** 5ª edição Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001. p. 23-65.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: Bases científicas para uma agricultura sustentável.** 3ª edição. São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 2012.

BANDEIRA, Pedro. **Participação, Articulação de Atores Sociais e Desenvolvimento Regional.** Brasília- DF: IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, fevereiro de 1999.

BORDIN, Andréa Sabedra; GONÇALVES, Alexandre Leopoldo, TODESCO, José Leomar. **Análise da colaboração científica departamental através de redes de coautoria.** Belo Horizonte/MG: Perspectivas em Ciência da Informação, v.19, n.2, p.37-52, abr./jun. 2014. p. 37 a 52.

BORGATTI, S.P., EVERETT, M.G., FREEMAN, L. C. 2002. Ucinet for Windows: Software for Social Network Analysis. Harvard, MA: Analytic Technologies.

CAPORAL, Francisco Roberto. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agricultura mais sustentáveis.** Brasília: 2009. 30 p.

CAPRA, Fritjof. **As Conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 11ª edição. São Paulo: Cultrix, 2009.

COSTA, Jean Henrique. **Entre a estrutura e a ação, melhor a relação: para pensar a análise de redes sociais.** Londrina/PR: Revista Espaço Acadêmico. N. 117. Fevereiro de 2011. p. 123 a 130.

FLORIANI, Nicolas; FLORIANI, Dimas. **Saber ambiental complexo: aportes cognitivos ao pensamento agroecológico.** Rev. Bras. de Agroecologia, Porto Alegre, 5(1): 3-23 ( 2010).

GRANOVETTER, Mark S. The Strength of Weak Ties. **American Journal of Sociology.** Volume 78, Issue 6, May, 1973, pp. 1360-1380.

GUIMARÃES, R. **A ética da sustentabilidade e a formulação de políticas de desenvolvimento** In: VIANA, G; SILVA, MARINA; DINIZ, N. (orgs). O desafio da sustentabilidade: um debate socioambiental no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001. p. 43 a 68.

KAUFMAN, Dora. **A força dos “laços fracos” de Mark Granovetter no ambiente do ciberespaço.** Galaxia(São Paulo, Online), n. 23, jun. 2012. p. 207 a 218

LEFF, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder.** Tradução de Lúcia Marthilde Endlich Orth. 11.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015.

MARTELETO, Regina M. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação.** Brasília, v. 30, n.1, p. 71-81, 2001.

PETERSEN, Paulo. “Agroecologia e a superação do paradigma da modernização”. In: NIEDERLE, Paulo André, ALMEIDA, Luciano de, VEZZANI, Fabiane Machado (orgs). **Agroecologia: Práticas, Mercados e Políticas para uma nova agricultura.** Curitiba/PR: Kairós, 2013. p. 69 a 103.

PUTNAM, Robert. Capital social e desempenho institucional. In: PUTNAM, R. **Comunidade e democracia: A experiência da Itália moderna.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996 (capítulo 6, p. 173-194).

RADOMSKY, Guilherme. F.W. Certificações, sistemas participativos de garantia e agricultura ecológica: aspectos da relação entre agricultores e consumidores. In: NIEDERLE, Paulo André, ALMEIDA, Luciano de, VEZZANI, Fabiane Machado (orgs). **Agroecologia: Práticas, Mercados e Políticas para uma nova agricultura.** Curitiba/PR: Kairós, 2013. p.297 a 326.

RADOMSKY, Guilherme F. W.; SCHNEIDER, S. Nas teias da economia: o papel das redes sociais e da reciprocidade nos processos locais de desenvolvimento. **Sociedade e Estado.** Brasília, v.22, p.49-284, 2007.

ROMANO, J. Empoderamento: recuperando a questão do poder no combate à pobreza. In: ROMANO, J.; ANTUNES, M. (org.). **Empoderamento e direitos no combate à pobreza.** Rio de Janeiro: Actionaid, 2002.

SABOURIN, Eric. **Teoria da Reciprocidade e sócio-anthropologia do desenvolvimento.** Sociologias, Porto Alegre, ano 13, n. 27, mai./ago. 2011, p. 24-51.

WASSERMAN, Stanley; FAUST, Katherine. **Social network analysis: methods and applications.** Cambridge: Cambridge University Press, 1994. p. 3-22.

*Submetido em 09/07/2016  
Aprovado em 20/12/2016*

**Sobre o(s) Autor(es):**

**Luiz Paulo Klock Filho**

Possui graduação em Geografia Licenciatura e Bacharelado pela Universidade do Estado de Santa Catarina UDESC (2004), Especialista nos cursos de MBA Gestão Ambiental pela Universidade do Oeste de Santa Catarina UNOESC e Gestão de Pessoas pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Mestre (2016) pelo Programa de Pós-Graduação de Desenvolvimento Regional/PPGDR da Universidade Tecnológica Federal do Paraná/UTFPR, campus Pato Branco/PR.

Email: luizpkfilho@gmail.com

**Wilson Itamar Godoy**

Professor Associado nível 2, atuando desde 1994 no Curso de Agronomia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Possui graduação em Engenharia Agrônoma pela Universidade Federal de Santa Maria (1981), especialização em Olericultura pela UFV (1990), Mestrado em Fitotecnia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1998) e Doutorado em Agronomia pela Universidade Federal de Pelotas (2005).

Email: godoyutfpr@gmail.com

**Marcos Junior Marini**

É doutor em Tecnologia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Possui mestrado em Informática pela Universidade Federal do Paraná (2001). Possui especializações em Metodologia do Ensino Tecnológico (1995) e Informática Educativa (1998), ambas cursadas na Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Possui graduação em Processamento de Dados pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (1992). Professor efetivo da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR), desenvolvendo suas atividades como pesquisador no Laboratório de Estudos Regionais da UTFPR.

Email: marini@utfpr.edu.br